

OPINIÃO

Eleição de 2002: qual é o tom?

JOSÉ GENOINO

As eleições de 2002 deverão ocorrer num ambiente de crescimento da violência criminal em vários Estados da federação, mas principalmente em São Paulo, maior colégio eleitoral do País. Este quadro impõe aos candidatos, aos partidos, aos ativistas das campanhas e aos publicitários a responsabilidade de não deixar que as eleições sejam contaminadas pelo clima de violência. Disputas eleitorais, evidentemente, não são um convite para jantar. Mas é perigoso e inconveniente para a democracia propor, como fazem alguns publicitários e alguns dirigentes partidários, que as eleições sejam encaradas como guerra, onde o ardil, a fraude e o artifício sejam erigidos como meios por excelência da disputa. Num contexto desse tipo estaríamos a um passo da violência política.

Duas atitudes, entre outras, têm grande potencial de estímulo da violência política: a estigmatização e desqualificação dos adversários.

Estigmatizar o adversário é aquela atitude que procura apresentá-lo como alguém que precisa ser punido e rejeitado ou como alguém que é portador implícito do mal. Trata-se de demonizar o oponente para exorcizá-lo junto à opinião pública e ao eleitorado. O artifício do estigma já é perceptível nesta fase pré-eleitoral em peças publicitárias de determinados partidos e em entrevistas de alguns publicitários.

A desqualificação do adversário visa imputar-lhe uma imagem negativa, de insuficiência e de incapacidade com o objetivo de interdita-lo como interlocutor legítimo do debate e da disputa. O sucesso da estigmatização e da desqualificação se traduz

no isolamento das vítimas destas atitudes. Na história da política brasileira, os grupos e partidos estigmatizados e isolados foram vítimas também da violência de seus algozes e das elites que controlavam o poder político. Isto ocorreu com os setores republicanos que participaram da Independência, com o movimento da Confederação do Equador, com as manifestações autonomistas nas Províncias no período da Regência imperial, com setores oposicionistas no regime de Vargas e com a esquerda no regime militar. Mais recentemente, o PT e outros grupos de esquerda também sofreram tentativas de deslegitimação enquanto agentes e interlocutores do processo democrático.

O sistema político democrático implica que todos os agentes que descartam a violência como método de acesso ao poder e que aceitam as regras das eleições periódicas, da competição eleitoral, do pluralismo político e ideológico e da alternância no poder sejam reconhecidos como agentes e competidores legítimos do debate e da disputa eleitoral. A existência desse jogo, que deve ser institucionalizado por regras e não interdito por atitudes dos competidores, é condição e princípio constitutivo da democracia. Neste sentido, a estigmatização e a desqualificação de adversários não representam apenas uma agressão aos mesmos, mas uma agressão à democracia. A democracia só poderá apresentar resultados aceitáveis na mediação e resolução dos conflitos políticos, sociais e econômicos se os agentes desses conflitos se submeterem não só às regras mas também a uma prática democrática.

Num Brasil em crise e numa América Latina em crise, o que estará em jogo nas eleições de 2002 é a consolidação e o avanço da democracia na região.

Pela condição de liderança que o Brasil exerce e que pode exercer ainda mais, a afirmação do processo democrático nas nossas instituições políticas e nas estruturas sociais e econômicas é decisiva para o futuro da América Latina no próprio contexto mundial. Superar os impasses políticos, resolver os dramáticos problemas sociais e promover o desenvolvimento econômico sustentado e justo é determinante para definir o lugar e a importância que ocuparemos no mundo. Sem o avanço da democracia permaneceremos prisioneiros do atraso, da injustiça e da violência.

É com a responsabilidade de superar este quadro adverso que devemos medir o tom com que serão disputadas as eleições de 2002. Não se trata de propor uma campanha fria e sem emoções. Trata-se de qualificar a disputa com programas, projetos e propostas com o objetivo de apontar soluções para os problemas dos Estados e do País. Este deve ser o teatro da disputa, somado com o respeito aos adversários, com a aceitação de sua legitimidade e do pluralismo partidário. Somente assim criaremos um ambiente no qual as diferenças e eventuais semelhanças possam se explicitar, oferecendo alternativas para que o eleitor possa escolher de forma tranquila e consciente.

► JOSÉ GENOINO é deputado federal PT/SP.

HOMENAGEM

Francisco Salgot Castillon: um exemplo que ficou para sempre

ELAINE DE LEMOS

JOSÉ OTÁVIO MENTEN

Piracicaba velou quarta-feira próxima passada o corpo de uma das pessoas mais brilhantes e respeitáveis da cidade. Trata-se do Dr. Francisco Salgot Castillon. Poderíamos citar sua carreira política, e estaríamos falando dele próprio, mas neste momento de dor preferimos citar o homem, o homem-humano, o homem-público, o cidadão que foi capaz de ser uma presença marcante na vida dos moradores de Piracicaba. Representou um novo tipo de política para a época, não ligada à arrogância dos coronéis, mas à humildade de estar em todas as camadas sociais e ser acessível às pessoas necessitadas e às idéias arrojadas.

Representa a ascensão da classe média urbana do jovem imigrante, que com sua competência, determinação e espírito democrático tornou-se um grande homem-público, reconhecido por todos.

Salgot, como era conhecido, nasceu em 2 de janeiro de 1921 em Barcelona-Espanha e veio para o Brasil em 1931, com dez anos de idade, direto para a casa do tio, o então Padre e depois Monsenhor Martinho Salgot, em Poços da Ressaca, hoje Santo Antonio da Posse. Acompanhou o tio por diversas cidades, até se radicarem em Rio das Pedras. Sempre gostou de estudar e tinha um nível bastante elevado em relação aos jovens da sua idade.

Numa ocasião esteve por dois anos num Seminário, em Campinas-SP. Mas percebeu que não tinha vocação para a carreira eclesiástica e retornou a Piracicaba, encontrando o Prof. Rolim e estudando na antiga Escola Normal, hoje EE Sud Mennucci e depois, no Colégio Piracicabano.

Foi no final dos anos 40, quando ainda era estudante de Engenharia na Escola Nacional de Enge-

nharia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro-RJ que inciou na Política. Numa entrevista ao Jornal de Piracicaba, em janeiro de 1993, declarou: "Naquela época todos os estudantes se filiavam à UDN (União Democrática Nacional) e trabalhavam nas campanhas porque era o único partido que queria acabar com a ditadura de Getúlio Vargas. E foi assim que eu me iniciei na Política, filiado à UDN, pregando cartazes e participando de comícios."

No Rio de Janeiro conheceu D. Ladice Soriano, que era de Campinas, e em 1948 casou-se com ela e teve dois filhos, Sérgio Salgot e Lídice Salgot e estabeleceu a Empresa de Engenharia Coury e Salgot, em Piracicaba.

Por ele passaram nascimentos de políticos como Luciano Guidotti e Antonio Carlos de Mendes Thame. Após dois mandatos de vereador, ele foi eleito prefeito de Piracicaba, em 1960. Foi o único prefeito de Piracicaba saído da Câmara de Vereadores. Foi eleito deputado estadual em 1963 e em 1967, mas antes de terminar seu segundo mandato de deputado, Salgot foi reconduzido para comandar a prefeitura de Piracicaba, cargo que exerceu por menos de um ano, pois por decorrência do Ato Institucional nº 5, ficou sem direitos políticos durante dez anos. A vigilância exercida pelos militares sobre Salgot vinha exatamente de seu envolvimento com os Sindicatos, tanto enquanto era prefeito como quando era deputado estadual. Anistiado pelo presidente João Figueiredo, em 1979, foi um dos fundadores do PP - Partido Popular em Piracicaba, que posteriormente fundiu-se com o PMDB.

Fundou o PP em Piracicaba para atender aos anseios dos jovens da cidade, que queriam participar e

não tinham um espaço. Foi a época em que conheceu Antonio Carlos de Mendes Thame e desde então passaram a trabalhar juntos. A parceria passou pelo PP, pelo PMDB e ajudou a consolidar o PSDB no município. Em 1982 foi candidato a vice-prefeito de Piracicaba, na chapa encabeçada pelo atual deputado federal Mendes Thame mas não ganhou a eleição. Nos últimos anos ele exercia a presidência de honra do PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira.

Algumas das medidas adotadas por ele em Piracicaba compreendem: saneamento - criação do SEMAE - reforma do Parque do Mirante e construção do restaurante; Fórum; Estação Rodoviária; asfalto de qualidade; construção de estradas rurais e o início da eletrificação e da telefonia rural. Esse último, foi um projeto levado por ele para a Assembléia Legislativa e aprovado, sendo considerado o início da eletrificação rural em todo o Estado, valendo-lhe um Prêmio da Unesco. Até técnicos dos Estados Unidos e do Canadá vieram conhecer o trabalho que estava sendo feito. Foi um trabalho pioneiro, assim como ele foi pioneiro na voz do povo e na memória dos mais velhos. Quanto aos mais jovens, a quem muitas vezes faltam perspectivas, objetivos e entusiasmo, seria interessante conhecer mais sobre a vida deste político - exemplo de dignidade e determinação. Seus feitos e sua figura popular ficaram como herança nossa, na lembrança de uma Piracicaba, que ele adorava tanto.

► ELAINE DE LEMOS é psicanalista

► JOSÉ OTÁVIO MENTEN é engenheiro agrônomo e vereador pelo PSDB

REFLEXÃO

Desemprego

ILACYR LUIZ GUALAZZI

"O evangelismo preconiza que os seres humanos se salvem sem que saibam que estão perdidos. (...) Primeiro as pessoas devem conhecer suas falhas e limitações para depois corrigir-se. A teoria da aceitação da palavra sem esse conhecimento é puro engodo."

Dr. Oswald Smith, evangelizador

Em julho de 1996, o JP publicou um artigo de minha autoria sobre o desemprego, começando com essa citação do evangelizador Oswald Smith, justamente porque, o que ele afirma sobre a evangelização, se aplica muito bem a outras questões sobre as quais se propõe soluções sem conhecer verdadeiramente o problema. Tal é o caso da "onda de desemprego".

Agora, leio no mesmo JP um artigo em que o autor propõe uma relação entre a violência e o desemprego. Pode até ser que haja essa relação, mas não é exatamente o que minhas reflexões permitem inferir.

Penso que a sofisticação dos meios de produção, automatizados e em larga escala, vem determinando, inexoravelmente, a redução da oferta de emprego. Emprego é uma espécie em extinção. E tal situação tem sido acusada de responsável pelo crescimento da massa de "excluídos", da miséria e, claro, do banditismo.

Penso que há um equívoco nessa abordagem. Vou colocar a questão de outra forma: as indústrias,

que utilizam tecnologia avançada, empregam pessoas com formação e conhecimento adequado para operar com essa tecnologia. As pessoas, não detentoras desse conhecimento, mas ainda assim competentes, acabam se deslocando para a economia informal ou para a atuação como autônomos. Os demais vão engrossar as estatísticas do desemprego.

Há setores que, a despeito de toda evolução, continuam como sempre: no corpo a corpo. Lendo os artigos do JP, sobre o mercado de trabalho piracicabano, já naquele ano de 1996, podia-se notar a existência de "flanelinhas", "olhadores de carros" camelôs, sacoleiros, anotadores de jogo de bicho e pintentes ganhando de R\$ 400 a R\$ 1.000 por mês. Isso é melhor do que ter emprego, porque, nesse setor, a pessoa ganha proporcionalmente ao seu empenho e competência.

Todos estão sempre prontos para citar cifras do desemprego (obtidas não sei como nem de onde). Todos têm algum conhecido desempregado, em estado de penúria (ajudá-lo, nem pensar; serve apenas como estatística). Acho que todos conhecemos, mas deliberadamente ignoramos, um engenheiro que virou "sucro", um farmacêutico que virou sommelier, um médico que virou pecuarista, e assim por diante.

O desemprego sempre existiu e sempre existirá. Para os que não sabem fazer outra coisa fora de um emprego, para os que não possuem espírito empreendedor e coragem para encarar uma atividade autônoma.

Sou um grande colaborador para com a receita dos jornais. Regularmente coloco anúncios recrutando vendedores. Continuo precisando desesperadamente de bons vendedores. Necessito de pessoas capazes de levar uma "mensagem a Garcia". ...Ninguém aparece. Se fosse o caso de aparecerem candidatos sem qualificação, me pareceria normal. Mas, não aparecer nenhum candidato nesse universo de desempregados é coisa estranha. Desde então passei a acreditar que desemprego é assunto de desocupado.

Não sei onde li que a pior coisa que pode acontecer a uma pessoa é arranjar um bom emprego. Nossa cultura insta as pessoas a que se salvem e arrumem um emprego, como se não houvesse outras alternativas de trabalho. As pessoas devem se penetrar de suas potencialidades para, depois, decidir-se por um emprego ou partir para o trabalho autônomo. Arranjar emprego para pessoas que não querem trabalhar me parece "puro engodo".

Se você, leitor, estiver desempregado ou conhecer alguém que esteja urgentemente precisando obter uma receita e, principalmente, se estiver disposto a trabalhar como vendedor e/ou representante comercial, por favor, apresentar-se à rua Santa Cruz, 697, onde se encontra um amigo modestamente - e até agora em vão - prestando serviço à redução do desemprego, da violência e da insegurança.

► (GUALAZZI@UNIMEP.BR)

CARTAS

Caixas eletrônicas: clientes atônitos

"Preservar a integridade e respeito faz parte!

Caixas eletrônicas, resultantes do progresso, da informatização. Menos filas, atendimento fora do expediente bancário, feriados, finais de semana, cliente satisfeito. Salvo as peças que nos pregam e se tornam sinônimo de dor de cabeça:

"Terça-feira, 8h30 da manhã a caminho do trabalho, sabendo que teria que fazer uns pagamentos e um depósito, parei em uma agência bancária e fiz um saque em um dos dois terminais existentes. Peguei as notas e guardei dentro de minha agenda, diga-se de passagem, eu só tinha algumas moedas na bolsa, justamente por isso é que tive que fazer o saque, e me dirigi até o trabalho. Na minha hora do almoço, fui até uma agência bancária honrar com os devidos pagamentos e depósito. Abro a agenda, pego o "pacotinho" com as notas retiradas de manhã e entrego ao caixa do banco, quando de repente ele me interpela:

- Senhora, esta nota é falsa, terei que recolhê-la e anotar os seus dados!
- O quê? Eu, passando uma nota falsa de R\$ 10,00 no Banco do Brasil?
Primeira reação: fiquei atônita, 2ª - envergonhada, 3ª - constrangida, 4ª - revoltada. Depois das argumentações, e de minha narrativa sobre como havia chego até minhas mãos uma nota falsa, fui liberada com a nota para partir "pra" um segundo turno: reaver meus R\$ 10,00 verdadeiros e minha auto-estima, há pouco, ferida e maculada.

Pressupondo que ao me dirigir à agência "receptadora" e "transmissora" da malfadada nota, seria ironicamente atendida, fui preparada a ouvir o que não admitiria: "a senhora pode provar que esta nota saiu de nossa agência? E por aí fora. Graças ao bom senso do gerente, que deve ter levado em consideração o fato de eu ser uma correntista do banco, devido talvez a minha aparência, já que sou secretária e obrigatoriamente procuro estar devidamente trajada, para meu espanto fui atenciosamente atendida, ressarcida dos meus R\$ 10,00 acompanhados das desculpas pelo fato acontecido.

Bem, minha auto-estima, devo acreditar, que infelizmente só a resgatei pelo fato de que tenho um bom nível cultural, uma boa aparência, e por saber controlar meus impulsos, pois se fosse uma pessoa, sem nenhuma cultura, humilde, simplesmente trajada, ou que, como diz o linguajar popular - rodasse a baiana, com certeza perderia meu tempo, meus R\$ 10,00, e ainda sim seria desacreditada, humilhada e meu nome divulgado ou sei lá enviado ao Banco Central, por causa de uma nota falsa de R\$ 10,00 que um caixa eletrônico me liberou.

Não sei o que mais me deixa atônita e intrigada, se é o fato de não poder confiar nas instituições bancárias que fazem a manutenção e provisão das caixas eletrônicas, ou de ter sido salva por possuir cultura e boa aparência? Me questiono, como ficariam nossos "irmãozinhos" humildes que saem de um trabalho braçal cansativo, depois de um dia estafante, sujos com seus uniformes e se dirigem aos caixas eletrônicos para sacar seus vencimentos, poderia não ser apenas uma nota de 10, mais várias, ou de 50 ou de 100. Sem que eles ressarcidos pelas perdas, sem que antes fossem desacreditados e humilhados?!

Fica aqui meu alerta e minha reivindicação, como cidadã, como usuária do sistema bancário, inclusive de caixas eletrônicas: para que sejam preservados os direitos de todos os usuários, os responsáveis pelas instituições financeiras deveriam reformular, reorganizar, tornar mais confiável o sistema de conferência e vistoria das notas que abastecem os terminais eletrônicos. Só assim, casos como este não ocorreriam, e a integridade e respeito de todos e qualquer cidadão estariam assegurados e não na dependência de uma boa qualificação pessoal!"

Marli Ap. Munhoz Abdala - secretária

"A dor e a delícia de adolescer"

"A delícia de adolescer é uma eterna conquista dos próprios adolescentes, dos pais e educadores que lidam diretamente com eles.

A busca de uma adolescência saudável, é a por uma vida adulta feliz e a recompensa por uma infância bem vivida. Esta felicidade não se encontra apenas na vida adulta, mas principalmente no "degustar" cada momento bem vivido ao longo do caminho de um adolescente.

Cada adolescente é único e exige tratamento como tal. Embora saibamos da existência de características comuns entre eles: as crises, a sexualidade aflorando, o amor desabrochando, a direção da própria vida profissional, sabemos também que têm sentimentos muito particulares, atitudes e habilidades individuais e que isto o diferencia das demais pessoas.

Nada melhor num relacionamento do que uma conversa franca, onde os educadores (pais, professores, escola) expressam para os educandos (alunos, filhos) suas preocupações.

A omissão de maneira alguma é a solução. Encarar o problema é difícil mas necessário. Um educador precisa em alguns momentos dizer "não" ao educando. O jovem precisa deste posicionamento para se guiar num caminho que para ele é tão obscuro.

Cabe ao educador ser farol na vida de seu educando, mesmo que em algum trecho do percurso venha clarear demais ou quase chegue a faltar luz. Permita-se aprender com o jovem. Compartilhe de suas experiências, aprendendo a "tirar de letra" os possíveis problemas.

A melhor prevenção para qualquer tipo de "enfermidade" da adolescência é ensinarmos nossos adolescentes a se amarem, amarem o que fazem e isto ensinamos quando sentem que amamos o que fazemos. Aprender a tolerar, a se conhecer realmente como são e a conhecer a realidade da vida".

Rosana Romano Elias Silveira - pedagoga, psicopedagoga, especialista em Orientação Profissional, especialista em Qualidade na Educação, cursando pós-graduação em Gestão Escolar. E-mail: rosananeto@aol.com

JORNAL DE PIRACICABA

Gerente Administrativo-Financeiro
Antonio Carlos Copatto

Editor Responsável
Joacir A. Cury (Mtb 19.391)

Editora Executiva
Angela M. Furian Nolasco (Mtb 11.751)

Chefe de Redação
Rosemary Bars Mendez (Mtb 16.694)

Administração, Redação e Publicidade:
Av. Com. Luciano Guidotti, 2525 - Cep 13.424-540 - Piracicaba - SP Fone PABX: (019) 3428-4000
Fax: (019) 3428-4101 (Administração) - (019) 3428-4103 (Comercial) - (019) 3428-4102 (Redação)
Filial: Rua Moraes de Barros, 825 - Cep 13.400-356 - Piracicaba - SP
Fone PABX (019) 3428-4000 - Fax (019) 3428-4004
End. eletrônico/Internet: jp@jornal.com.br
JP on line: www.jornalpiracicaba.com.br

Fontes de notícias: Agência Estado e Agência Brasil
Filiação: ANJ - ALAPI, SINDJORISP - API

Sucursal São Paulo: Av. Brigadeiro Faria Lima, 2012 - 11º andar - CJ. 111 - Cep 01452-002 - São Paulo-SP
Fone: (11) 3032.8621/3813.7207 - Fax/Modem (11) 3814.6399

Linha Direta com o Leitor
CAL - Central de Atendimento ao Leitor: DDG-0800-552555
Tronco-chave: 3428-4000
Assinatura: 3428-4010
Tele-roteque: 3428-4020
Publicidade: 3428-4130
Teleanúncio: 3428-4040

"Não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo"

Voltaire